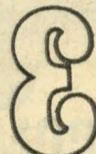


EXCLUSIVO

O ÚLTIMO BUÑUEL

LONDRES

Por JOSÉ CARDOSO PIRES



Relendo o esquecido Perez Galdós, Buñuel descobriu na heroína Tristana o anjo exterminador da velhice. Faz mais: do cativo dessa jovem prisionada por um sexagenário ciumento captou, não o relato patológico da senilidade, como sugeria o naturalismo do romancista, mas a desagregação de uma ideia paternalista da sociedade no seu limite agonizante. **Tristana** o filme, é isso. Assenta precisamente numa ordem de valores em que o marido se substitui ao pai da esposa, com todo o autoritarismo que essa condição táctica lhe confere.

Rememoro **Tristana**, essa obra-prima, numa cafeteria das margens do Tamisa, voltado para a manhã fria que envolve a ponte de Waterloo, as margens de Westminster, o tráfego. Deixei a uma centena de metros o London Festival Hall em sessão de **press show**. Fria também a assistência, fria na alma. Nem um aplauso, verdade! (e tantos para o tão composto Truffaut, tantos para as produções dúbias que vieram das Polónias e das Checoslováquias...) Comentários, os habituais snobismos da sociologia cinematográfica, é natural que tenha havido. Mas breves, com certeza. Os exigentes frequentadores dos **press shows** estavam interditos, ou pelo menos indiferentes, diante do grande mestre espanhol. Fleugmáticamente, arrumaram os auscultadores (o filme ainda não estava legendado) e foram à vida. Adeus, **Tristana**, triste demónio da velhice que se despede de nós por detrás de uma vidraça a cobrir-se de neve. Adeus, fim.

Fim, como? **Tristana**, mais do que **Veridiano**, mais ainda do que **Via Láctea**, continua conosco depois de morrer no écran. E o encanto de um grande filme está nisto mesmo: no **rever depois**, no desfilar de pormenores e de conotações que regressam a nós com penetrante clareza. Organizando-se numa unidade lógica que é a do realizador. Não se vê assim com o teatro — penso agora; no teatro essa reconstituição não se revela tão profundamente indispensável. Digamos que se trata de «tempos de leitura» diferentes, deve ser por isso. E juntemos, se quisermos, o romance que, permitindo ao «espectador» todas as pausas, interrupções e meditações durante o curso da narrativa, insinua a sua unidade dramática a um ritmo diferente de qualquer dos outros. «Tempos de leitura» distintos, permita-se-me a expressão. O espectáculo no palco

é uma comunicação de seres vivos para seres vivos; logo a acção desenvolve-se num contacto mais imediato e em correspondências mais contínuas do que o espectáculo do écran. Em última análise, talvez se possa dizer que a receptividade destes três tipos de narração se processa em escalões diferenciados pelo ritmo da exposição e da comunicação visual (e não é por acaso que no cinema a voz e o diálogo fi-

cam frequentemente associados a uma representação imagética...). Adiante.

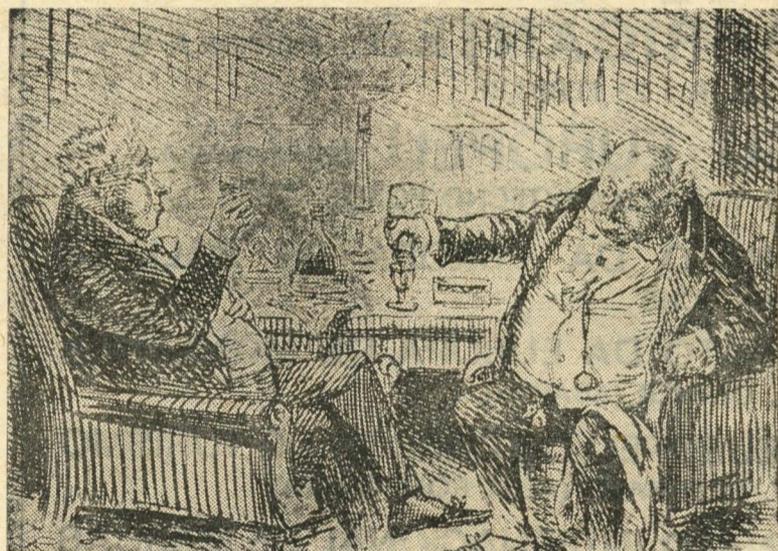
O certo é que quanto mais rememoro **Tristana**, mais vejo, mais associo. A heroína ficou para sempre amarrada ao cadáver do **viejo celoso** como que de guarda à arte final da sua manobra destruidora. Mas mesmo a esfumar-se enquanto a câmara recua e o «écran» se esbate, grava-se dentro de nós como um meda-

lhão obsessivo. As esposas-crianças de que falam as crónicas dos príncipes, essas que séculos mais tarde os austeros burgueses iam buscar para constituir família (veja-se Camilo, veja-se Herculano, e Galdós, claro) todos esses modelos de pureza e obediência ao patriarcalismo estão resumidos **in articulo mortis** na imagem de «Tristana». Ela triunfou sobre a ordem patriarcal dos velhos, minou-a — mas vêde, para isso foi

Yippy Christmas

visto
por Heath
do Punch

(Página 11)



Um jantar de Natal em Greenwich, 1891

E. L. Madeira
Ponche a la Romaine
Amontillado

Rudesheimerberg
Pontet Canet

Sorbet a la Francaise

Irroy Carte d'Or, vint. 1878,
and Moet dry Imperial
Champagnes

Liqueurs
1865 Brown Sherry,
Ch. Larose, 1870.
Port 1863

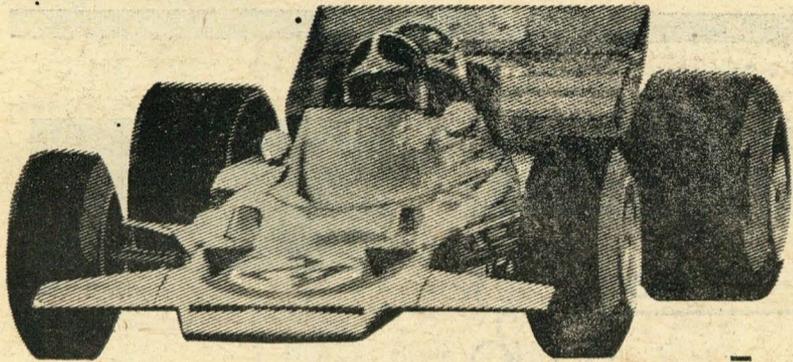
Punch Bowl

Potages a la tortue claire et tortue liee gras verts au jus
Aileron de tortue etuvee aux fines herbes
Carrelets souches; Saumon de Severne souche; whitebait
Rissoles de Homard. Christines a la Mantua
Boudins de Merlans a la Danoise
Anguilles etuvees a la Bordelaise
Trite grillee, sauce a la Tartare
Omelette de crabs au cordon bleu
Filet de sole a la creme au Parmesa
Cotelettes de saumon a l'Ecoissaise a l'Orientale
Whitebait a la Diable
Kari de Crevettes au riz
Souffle d'Ecrevisses glace
Filet de Volaille a l'ecarlote
Epaule d'agneau grillee et Haricots Verts

Canetons rotis et petits pois verts
Asperges en branches glacees
Cailles rotis et salade a la Francaise
Bacon and beans
Jambon grille a la Diable et salade de tomates
Creme d'abricots. Dames d'honneur
Meringues a la creme; eclairs aux chocolats
Mille fruits glacees
Pailles de fromage
Glaces
Creme d'ananas. Eau de Cerises
Creme aux fraises. Eau de Citron
Fait boire
Dessert
Ananas, melons, peches, nectarines, fraises, raisins,
Conserves



a Shell vence



**NAS GRANDES COMPETIÇÕES
INTERNACIONAIS EM 1970**

CAMPEONATO MUNDIAL DE CONDUTORES (FÓRMULA 1)

1.º J. RINDT (LOTUS) 2.º J. ICKX (FERRARI) 3.º C. REGAZZONI (FERRARI)

CAMPEONATO MUNDIAL DE FABRICANTES (FÓRMULA 1)

1.º LOTUS - 2.º FERRARI

TROFEU EUROPEU DE FÓRMULA 2

1.º C. REGAZZONI (TECNO FORD)

CAMPEONATO DA EUROPA DE RALLYES

1.º PORSCHE

CAMPEONATO DA EUROPA DE MONTANHA

1.º J. ORTNER (ABARTH)

TROFEU EUROPEU DE CARROS DE TURISMO

1.º T. HEZEMANS (ALFA ROMEO GTA)

CAMPEONATO INTERNACIONAL DE MARCAS — 24 HORAS DE LE MANS

1.º 2.º 3.º (PORSCHE)

— 1000 KM DE NURBURGRING

1.º 2.º (PORSCHE) 3.º (FERRARI)



todos com

Super

motor oil

PODE CONFIAR NA SHELL

O ÚLTIMO BUÑUEL

preciso ter perdido uma perna. Então, de resto de juventude, recusa-se a regressar, por orgulho e gratidão, ao jovem pintor com quem tinha fugido. Entende que é hora das compensações e volta ao velho. Quem lhe comeu a carne que lhe roa os ossos, dita-lhe a moral da vingança, enquanto olha, apreensiva, a macabra perna artificial que o protector lhe ofereceu.

Tão solitário e tão junto de nós, tão em cima do agora, este Buñuel. **Tristana**, retrato de mulher, transforma-se nas mãos dele na paisa-

alguns liberais incendiários durante e depois da guerra civil. A sua desagração tem raízes nas condições iniciais: ele é o cavalheiro herético que desdenha das regras, dos ornatos e das convenções de uma sociedade mas, curiosamente, é também o juiz de duelos e o respeitador dos códigos de honra dessa mesma sociedade. Todo o seu quotidiano se passa no convívio e na representação dos grandes burgueses, é na roda deles que proclama as suas ideias libertárias com a impunidade de que desfrutam os tolera-



Tristana, o último Buñuel

gem de uma ordem de valores de estranha actualidade. Sim, actual ainda porque o patriarcalismo e as fronteiras de gerações continuam a pautar grande parte das sociedades contemporâneas. Daí que por reacção, a geração dos novos se recuse cada vez mais a identificar-se com as anteriores; vestuário, hábitos de grupo e outras identificações são afinal, uma forma de afastamento em relação ao **establishment**, uma defesa contra a assimilação e uma demonstração de repúdio dos padrões herdados.

A história do **viejo celoso** seria uma, entre muitas, do anedotário peninsular, se não fosse a projecção com que Buñuel a contou em função da hora presente e da encruzilhada de gerações. **Hermanos, mirad a los viejos**, reparem nos artificios dos seus prestígios. Como são cruéis nas suas respeitadas figuras.

Cruéis e frágeis, acrescenta Buñuel. O amante senil entra em cena despejando discursos anarquistas mas — sublinhado fundamental — de raiz paternalista como era característico de certo liberalismo fim de século. Acabará destruído por «Tristana» no corpo e na alma. Vê-lo-emos casar na igreja e trocar o café por tertúlias eclesásticas.

Claro que o processo da decomposição vem de longe, não se deve exclusivamente aos malefícios de «Tristana». O imponente anarquista faz-nos recuar aos últimos anos da república espanhola, à traição de

dos ou as figuras bizarras. Senhores, estamos numa cidade de provincia, não esqueçamos.

E que cidade. Pedintes, estropiados muito à maneira de Breughel — quero dizer de Buñuel. Depois, jogos de rua, espancamentos; uma jovem ama dá o peito a um futuro **señorito** em pleno jardim público, passam mantilhas a caminho das novenas, pater-famílias passeiam-se com a prole em pose altiva. Cumprimentos para a esquerda e para a direita, como manda a boa vizinhança.

E no meio disto, sons e silêncios brutais a violentarem a paisagem na sua composição tão arrumada. Vozes insólitas, sinos agressivos, pontapés na bola que ressoam dentro de cada um de nós. Silêncios? O dos mudos insultando-se, depois da briga; o do cão raivoso que faz a sua aparição de esquina em esquina como um saltador; o rosto de «Tristana» — tão fechado, tão terrível.

Surdo e velho nos anos, Buñuel parece que decorou todos os segredos do ruído e do silêncio. Da pausa e do som fez o comentário mais elementar, enobreceu-os. Com isso, o filme, no seu cenário discreto e rotineiro, atinge uma temperatura demoniaca; dispensando grandes frases; sem especulações dramáticas. Tudo num discorrer sóbrio sob a mão de um satanás de muitos anos que faz cinema como se falasse com voz única e desapaixonada. A voz de um velho que se mediu e sabe.